

I

— Não — disse Golder.

Levantou bruscamente o *abat-jour* de maneira a fazer incidir a luz do candeeiro no rosto de Simon Marcus, que estava sentado em frente dele, do outro lado da mesa. Por um momento, observou as pregas, as rugas, que percorriam o longo rosto escuro de Marcus sempre que os lábios e as pálpebras se moviam, como numa água sombria, agitada pelo vento. Mas os seus pesados e sonolentos olhos de oriental continuavam calmos, apáticos, indiferentes. Aquele rosto era tão impenetrável como uma parede. Golder baixou com precaução a haste de metal flexível que sustinha o candeeiro.

— Por 100, Golder? Já contaste bem? É um preço... — disse Marcus.

— Não — murmurou Golder novamente.

E acrescentou:

— Não quero vender.

Marcus riu-se. Os seus dentes grandes e brilhantes, recobertos de ouro, reluziam estranhamente na sombra.

— Em 1920, quando as compraste, o que valiam as tuas famosas petrolíferas? — perguntou com uma voz irónica, nasalada, arrastando as palavras.

— Paguei-as a 400. Se os porcos desses soviéticos tivessem devolvido os terrenos nacionalizados às petrolíferas teria sido um bom negócio. Tinha Lang e o seu grupo atrás de mim. Em 1913, a produção diária dos poços de Teisk era já de dez mil toneladas... E não estou a fazer *bluff*. Depois da Conferência de Génova, as minhas acções caíram logo de 400 para 102, lembro-me... Depois... — Fez um gesto vago com a mão. — Mas não vendi... Nessa altura, havia dinheiro.

— Pois havia, mas agora, não vêes que para ti uns terrenos de petróleo na Rússia, em 1926, são uma merda? Hem? Não tens meios nem vontade de os ir explorar pessoalmente, pois não?... A única coisa que se pode fazer é ganhar alguns trocos com a movimentação das acções na Bolsa... Cem já é um bom preço.

Golder esfregou lentamente as pálpebras inchadas, irritadas pelo fumo que enchia a sala.

— Não, não quero vender — repetiu baixinho. — Quando a Tübingen Petroleum tiver celebrado esse acordo sobre a concessão de Teisk em que estás a pensar, então vendo.

Marcus soltou uma espécie de «Ah, sim!» sufocado, e foi tudo. Golder disse pausadamente:

— O negócio que tens estado a fazer nas minhas costas de há um ano para cá, Marcus, esse mesmo... Ofereceram-te um bom preço pelas minhas acções depois da assinatura do acordo?

Calou-se, porque o coração lhe batia quase dolorosamente, como a cada vitória. Marcus esmagou devagarinho o charuto no cinzeiro já cheio.

«Se ele me disser dividimos a meias, está lixado», pensou de repente Golder, e inclinou a cabeça para ouvir melhor a voz de Marcus.

Houve um breve silêncio e por fim Marcus disse:

— Dividimos a meias, Golder?

Golder cerrou os maxilares:

— O quê? Não!

— Golder, não queiras criar mais um inimigo... Já tens inimigos de sobra... — murmurou Marcus semicerrando as pálpebras.

As suas mãos pressionavam a madeira da mesa e mexiam-se ligeiramente com um suave raspar de unhas, rápido e agudo. Iluminados pelo candeiro, os seus longos e ossudos dedos, brancos, cobertos com pesados anéis, brilharam na secretária de mogno estilo império e tremiam quase imperceptivelmente. Golder sorriu.

«Agora já não és tão perigoso, meu menino...»

Marcus ficou calado um momento, examinando com atenção as unhas envernizadas.

— David... dividimos a meias! Vá lá! Já somos sócios há vinte e seis anos. Vamos passar uma esponja no assunto e recomeçamos. Se tivesses cá estado em Dezembro, quando Tübingen veio falar comigo...

Golder torceu nervosamente o fio do telefone e enrolou-o à volta dos pulsos.

— Em Dezembro — repetiu fazendo um esgar. — Sim... Estás a ser muito generoso mas...

Calou-se. Marcus sabia tão bem como ele que, em Dezembro, o sócio estava na América à procura de capitais para a Golmar, o negócio que os unia há tantos anos, como a grilheta de um forçado. Mas não disse nada.

— Ainda estás a tempo, David! — continuava Marcus. — É melhor, acredita-me... Negociamos ambos com os soviéticos, que te parece? É um negócio difícil. Quanto às comissões, aos lucros... tudo a meias, está bem? É justo, não é? David? Hem!... De outro modo, meu menino...

Ficou à espera de uma resposta, de uma concordância, de um insulto; mas Golder continuava a respirar com dificuldade e permanecia em silêncio. Marcus murmurou:

— Olha, David, a Tübingen não é a única petrolífera do mundo... — Tocou no braço inerte de Golder como se o quisesse acordar. — Há outras sociedades mais modernas e de... de tipo mais especulativo — acrescentou, procurando as palavras —, que não assinaram o acordo de 1922 sobre os petróleos e que se estão nas tintas para antigos direitos adquiridos e conseqüentemente também para os teus. Essas poderiam...

— A Amrum Oil? — disse Golder.

Marcus vociferou:

— Olha! Também estás ao corrente disso? Pois bem, ouve, meu velho, sinto muito, mas os russos vão assinar com a Amrum. Agora, visto que te recusas a aceitar, podes ficar com os teus poços de Teisk até ao dia do Juízo Final, podes pedir que te enterrem com eles...

— Os russos nunca farão um acordo com a Amrum.

— Já fizeram — gritou Marcus.

Golder fez um gesto com a mão.

— Sim. Eu sei. Um acordo provisório. Moscovo devia ratificá-lo num prazo de quarenta e cinco dias. Ontem. Mas, como mais uma vez ainda não há nada de facto, ficaste inquieto e vieste tentar de novo comigo...

Concluiu depressa, a tossir:

— Vou-te explicar. Tübingen, não é verdade? A Amrum já lhe tinha surripiado uns campos de petróleo na Pérsia, há dois anos. Por isso, desta vez, julgo que preferiria rebentar a ceder. Até agora não tem sido muito difícil. Ofereceram mais a esse judeuzito com quem trataste das coisas para os soviéticos. Telefona-lhe agora e ficarás a saber...

— Mentos, meu porco! — gritou de repente Marcus, com uma voz estranha, esganiçada como a de uma velha histérica.

— Telefona e vais ver.

— E... o velho... Tübingen... já sabe?

— Sim, naturalmente.

— Isso é obra tua, canalha, crápula!

— Sim. De que é que estavas à espera? Lembra-te... O ano passado, no caso do petróleo do México... há três anos com o fuelóleo... Lembras-te dos belos milhões que passaram do meu bolso para o teu? O que é que eu te disse? Não te disse nada. E depois... — Pareceu estar à procura de mais argumentos, para os juntar ao discurso, mas acabou por os rejeitar, com um encolher de ombros.

— Os negócios... — murmurou com simplicidade, como se tivesse evocado um deus temível.

Marcus calou-se de imediato. Agarrou num maço de cigarros que estava em cima da mesa, abriu-o, e raspou um fósforo com afinco.

— Como é que fumas esta porcaria dos *Gauloises* com o dinheiro que tens, Golder?

Os dedos tremiam-lhe. Golder olhava-o em silêncio como se estivesse a avaliar a vida de um animal ferido nos seus últimos estertores.

— Tinha necessidade de dinheiro, David — acrescentou Marcus, de repente, com uma voz diferente. Um esgar torceu-lhe o canto da boca.

— Eu... tenho uma terrível necessidade de dinheiro, David... Não me queres deixar ganhar algum? Não achas que...

— Não! — respondeu Golder com uma expressão carregada.

Viu que aquelas mãos pálidas se torciam, se juntavam uma com a outra, entrelaçando os dedos crispados e cravando as unhas na carne...

— Arruínas-me — disse por fim Marcus com uma voz surda e estranha.

Golder continuou obstinadamente de olhos baixos e não lhe respondeu. Marcus hesitou, depois levantou-se e afastou a cadeira devagarinho.

— Adeus, David... O quê? — perguntou ele de repente, no meio do silêncio, com uma força extraordinária.

— Nada. Adeus — disse Golder.

II

Golder acendeu um cigarro; mas, como logo ao primeiro trago começou a ficar sufocado, deitou-o fora. Uma tosse convulsiva de asmático, rouca e sibilante, sacudiu-lhe os ombros e encheu-lhe a boca de uma aguadilha amarga que o fez engasgar-se. Um brusco afluxo de sangue coloriu-lhe as feições, habitualmente pálidas, de um branco mate cadavérico, de cera, e com papos violáceos sob as pálpebras. Era um homem com sessenta anos feitos, corpulento, de membros gordos e flácidos, olhos cor de água penetrantes e pálidos; espessos cabelos encanecidos emolduravam-lhe o rosto duro e envelhecido, que parecia modelado por uma mão rude e pesada.

O escritório cheirava a fumo e a esse odor a fuligem apagada que caracteriza, no Verão, os apartamentos parisienses muito tempo inabitados. Golder fez girar a cadeira e entreabriu a janela. Por um momento, contemplou a Tour Eiffel iluminada. O clarão vermelho, líquido, fluía como sangue no céu fresco da madrugada... Golder pensava na Golmar. Seis letras de ouro, luminosas, resplandecentes que giravam, também elas, como sóis, nessa noite, em quatro grandes cidades do mundo. A «Golmar», dos dois nomes, o seu e o de Marcus, fundidos num só. Contraiu os lábios. «Golmar... a partir de agora, David Golder, sozinho...»

Pegou num bloco de notas que estava ao alcance da mão e releu o cabeçalho impresso.

GOLDER & MARCUS

COMPRA, VENDA DE TODOS OS PRODUTOS PETROLÍFEROS

GASOLINA DE AVIAÇÃO, GASOLINA LEVE,
PESADA E MÉDIA

WHITE-SPIRIT. GASÓLEO. ÓLEOS LUBRIFICANTES
Nova Iorque, Londres, Paris, Berlim.